

A LITERATURA DE CORDEL E OS ASTROS CORDEL LITERATURE AND THE STARS

Morgana Ribeiro dos Santos (CEDERJ)

*“Há de surgir
Uma estrela no céu
Cada vez que ocê sorrir
Estrela”
Gilberto Gil*

Resumo: A literatura de cordel é uma manifestação da literatura popular brasileira, típica da região Nordeste, que foi reconhecida pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Brasileiro, em 2018. Este artigo foi elaborado com o objetivo de investigar e discutir a relação da literatura de cordel com o conhecimento astrológico e como o tema dos astros é desenvolvido em versos de cordel. A relação entre os poemas de cordel e a astrologia se deve a diversos fatores, conforme constatado nesta pesquisa: curiosidade; observação da natureza e de suas condições, por exigência da vida rural; misticismo popular; necessidade de superar a precariedade cotidiana. Além desses fatores, a circulação de obras europeias de conteúdo astrológico, como o *Lunário Perpétuo*, de Jeronymo Cortez, publicado no século XVI e reeditado muitas vezes, possibilitou que alguns poetas cordelistas se tornassem também astrólogos e editores de almanaques astrológicos. Poemas de cordel e almanaques eram produzidos e comercializados juntos, e se dirigiam ao mesmo público. Neste trabalho, analisam-se fragmentos do *Almanaque de Pernambuco*, o juízo do ano de 1972 (LIMA, 1971) e de quatro poemas de cordel: *O Sistema Solar* (SILVA, 2011), *O Testamento da cigana Esmeralda* (BARROS, 2006), *Os Signos do Zodíaco* (E Suas Pedras de Sorte) (MARANHÃO, 2016) e *O Horóscopo dos Cornos* (CARVALHO, 2010), a fim de apreciar os textos e entender como se dá a abordagem dos astros e do conhecimento relacionado a eles nos poemas de cordel. **Palavras-chave:** Literatura de cordel. Almanaque astrológicos. Literatura popular. Cultura brasileira.

Abstract: Cordel literature is a manifestation of Brazilian popular literature, typical of the northeast region, which was recognized

by IPHAN as Brazilian Cultural Heritage in 2018. This article was developed with the objective of investigating and discussing the relationship between cordel literature and astrological knowledge and how the theme of the stars is developed in cordel verses. The relationship between cordel poems and astrology is due to several factors, as found in this research: curiosity; observation of nature and its conditions, as required by rural life; popular mysticism; need to overcome everyday precariousness. In addition to these factors, the circulation of European books of astrological content, such as the *Lunário Perpétuo*, by Jeronymo Cortez, published in the 16th century and reissued many times, made it possible for some cordelist poets to also become astrologers and editors of astrological almanacs. Cordel poems and almanacs were produced and marketed together, and addressed to the same audience. In this work, we analyze fragments of the *Almanaque de Pernambuco, o juízo do ano de 1972* (LIMA, 1971) and of four cordel poems: *O Sistema Solar* (SILVA, 2011), *O Testamento da cigana Esmeralda* (BARROS, 2006), *Os Signos do Zodíaco (E Suas Pedras de Sorte)* (MARANHÃO, 2016) e *O Horóscopo dos Cornos* (CARVALHO, 2010), in order to appreciate the texts and understand how the approach of the stars and the knowledge related to them in cordel poems.

Keywords: Cordel literature. Astrological almanacs. Popular literature. Brazilian culture.

APRESENTAÇÃO

A literatura de cordel se consolidou no Nordeste do Brasil a partir do contato com a cultura ibérica. A produção e a comercialização dos folhetos em larga escala tiveram início no final do século XIX. Desde então, o cordel constitui uma manifestação da literatura popular brasileira de muito valor sógnico, linguístico, artístico, cultural, histórico. Em setembro de 2018, a literatura de cordel foi reconhecida

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Este artigo tem como objetivo investigar e discutir a relação da literatura de cordel com o conhecimento astrológico e como o tema dos astros é desenvolvido em versos de cordel. Como a literatura de cordel está enraizada na cultura popular de base rural, notam-se como assuntos frequentes a natureza, a terra, a agricultura, os bichos, as condições climáticas. Além disso, a religiosidade, o misticismo, as superstições, que caracterizam o povo nordestino, associados ao desejo de abundância e felicidade, favorecem o interesse de superar a realidade objetiva e a construção de uma relação simbólica com as estrelas.

A circulação de algumas obras de conteúdo astrológico entre os poetas cordelistas, sendo a principal delas o *Lunário Perpétuo* (1805), permitiu que alguns deles se tornassem astrólogos, produzindo nas tipografias, ao lado dos poemas em folhetos, almanaques astrológicos. Além da curiosidade pelos significados dos astros e pela influência que eles possam exercer na vida humana, a irmandade entre os poemas de cordel e os almanaques justificam a aposta de alguns poetas no tema da astrologia para compor seus versos e vender seus livretos.

A fim de entender a relação da literatura de cordel com os astros, fez-se uma breve pesquisa bibliográfica, com estudos que contemplam a literatura de cordel, a relação da literatura com a sociedade e os almanaques astrológicos. Na análise do *cópus*, examinam-se fragmentos de um almanaque astrológico e de quatro poemas de cordel, com o intuito de verificar a presença e o desenvolvimento da temática investigada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura de cordel é uma manifestação da literatura popular brasileira, característica da cultura nordestina, que se desenvolveu a partir do contato com a cultura europeia. Enraizada nas tradições orais, o cordel se configurou como gênero da literatura popular escrita no final do século XIX, quando os poetas paraibanos Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros se reuniram no Recife (Pernambuco) e alavancaram a produção comercial dos folhetos.

O *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo (2002), esclarece a origem do termo *cordel* para nomear os livretos nordestinos, no verbete *literatura de cordel*:

Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil, referente aos folhetos impressos, compostos em todo o Nordeste e depois

divulgados pelo Brasil. Na obra *Cinco Livros do Povo: Introdução ao estudo da novelística no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo comenta: “No Brasil diz-se sempre folhetos referindo-se a estas brochurinhas em versos. Em Portugal dizem ‘literatura de cordel’ porque os livrinhos eram expostos à venda cavalgando sobre um barbante, como ainda acontece em certos pontos do Brasil”. Segundo Veríssimo de Melo, “as raízes da nossa literatura de cordel, narrativa em versos e registro de fatos memoráveis, em folhetos, estão fincadas, sem nenhuma dúvida, em velha tradição portuguesa e ibérica”. (CASCUDO, 2002, p. 332)

Entende-se, portanto, que o nome *cordel* se dá pela disposição dos folhetos populares em cordões ou barbantes, com fins de venda e divulgação.

Os folhetos nordestinos tradicionais, segundo Viana (2010, p. 27), “medem geralmente 11 x 15,5 cm – um ofício dobrado em quatro partes – o que corresponde a 8 páginas, que podem se multiplicar para 16, 24, 32, 40, 48 ou mais páginas, sempre múltiplas de oito, conforme o tamanho do texto”. A classificação dos folhetos varia de acordo com o número de páginas. Assim, “um texto de 8 ou 16 páginas é classificado como ‘folheto’. A partir de 32 páginas, os poetas consideram-no ‘romance’” (MATOS, 2010, p. 18).

A respeito dos conteúdos dos folhetos, Santos (2018, p. 22) aponta os de natureza moralizante e os que traduzem

“o imaginário popular em histórias de amor, aventura, esperteza, humor, justiça, fé”. A autora ressalta que “um dos aspectos fundamentais dos folhetos de cordel é o valor documental, especialmente nos textos que se ocupam de noticiar e discutir acontecimentos do dia a dia, crimes, fatos políticos, desigualdades sociais” (SANTOS, 2018, p. 22).

Haurélio (2010) salienta que alguns poetas, a fim de enriquecer o conteúdo de seus textos, esforçavam-se para adquirir alguma erudição por meio da leitura e, a partir dessa pesquisa, produzir textos mais interessantes para seu público. Segundo o estudioso:

A necessidade do saber livresco, seja para exibição nas cantorias, seja para fundamentação na criação literária, era uma constante entre os bons cordelistas-repentistas. A Bíblia, um livro de História, outro de Geografia ou Gramática, o *Lunário Perpétuo*, o Livro de Carlos Magno bastavam para os rudimentos de erudição necessários aos artífices do verso popular. (HAURÉLIO, 2010, p. 24)

Em nota de rodapé, Haurélio esclarece sobre o *Lunário Perpétuo*:

O *Lunário Perpétuo* foi um Almanaque que circulou em Portugal pelo menos três ou quatro séculos, tendo como autor Jerônimo Cortês. O *Lunário* reunia as informações mais variadas sobre medicina rústica, fases

da lua e o tempo certo para o plantio. Por sua influência, muitos poetas de Cordel se fizeram astrólogos, a exemplo de Luís Gomes de Albuquerque (que mudou o último nome para Lumerque, por influência da numerologia), João Ferreira de Lima, Manoel Caboclo e Silva, Vicente Vitorino de Melo e José Costa Leite. (HAURÉLIO, 2010, p. 24)

De acordo com a astróloga Celisa Beranger, “a Astrologia pode ser definida como o estudo da correlação entre os movimentos celestes e os eventos terrestres, [...] uma forma de linguagem criada pelo homem para entender sua integração ao cosmo”¹. Ela afirma que esse saber “surgiu por volta de 2500 a.C. na Mesopotâmia” e que “inicialmente [...] enfocava apenas as condições coletivas, mas a partir do século V a.C. ela voltou-se também para o individual”². Beranger define o astrólogo como “o intérprete da linguagem astrológica”³.

A fim de investigar a relação da literatura de cordel com a astrologia, vale refletir sobre as perguntas de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2006, p. 28): “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra

1 Disponível em: <https://www.espaco-do-ceu.com.br/a-astrologia-e-a-crise/> Acesso em: 25 jul. 2020.

2 Disponível em: <https://www.espaco-do-ceu.com.br/a-astrologia-e-a-crise/> Acesso em: 25 jul. 2020.

3 Disponível em: <https://www.espaco-do-ceu.com.br/a-astrologia-e-a-crise/> Acesso em: 25 jul. 2020.

de arte?” e “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”

Candido aponta duas respostas tradicionais para esses questionamentos: “a primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 2006, p. 28-29). Essa tradição, segundo o autor, tem o mérito de assegurar aos estudos modernos a relação da obra com o meio social. Candido afirma:

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2006, p. 30)

Os fatores socioculturais que influenciam a obra, de acordo com o autor, ligam-se “à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação” (CANDIDO, 2006, p. 31). Segundo o estudioso, esses fatores marcam “os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO, 2006, p.

31). O autor explica que o artista “recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra”, moldando-os ao público (CANDIDO, 2006, p. 32).

Sabendo-se que a literatura de cordel tem raízes rurais, compreende-se que essa poética contemple temas que relacionem o homem à natureza, à agricultura, à terra, aos bichos, aos mitos associados aos fenômenos. Considerando que a sobrevivência no campo exige a observação das condições climáticas, entende-se o interesse pelo Sol, pela Lua, pelos astros. Ou seja, o contexto favoreceu o surgimento de produções que tematizam as influências dos corpos celestes, e a curiosidade por esses mistérios reforçou essa linha de trabalho dos cordelistas, que, por sua vez, alimentou o público ávido por misticismo.

Simões (2009), estudiosa da Semiótica, ciência que se ocupa da significação, afirma que o signo é um “objeto que se movimenta em meio aos movimentos sociais” (SIMÕES, 2009, p. 53). Destarte, é compreensível que os astros se tornem signos nas relações entre o ser humano e o mundo, especialmente no meio rural, e que os valores construídos nessas relações sejam representados pelos signos verbais na poética cordelista.

Cabe a ressalva de que o interesse por horóscopos e afins não é exclusivo do homem do campo, haja vista que as bancas

de jornais das grandes cidades estão repletas de publicações relacionadas ao assunto, e alguns profissionais da astrologia e de outros saberes e técnicas similares se destacam nas mídias, alcançando e mantendo grande público. Também vale lembrar, já que este artigo relaciona poesia e astrologia, que é de amplo conhecimento a atuação do poeta português Fernando Pessoa como astrólogo. Todavia, são investigações que não cabem neste trabalho, que se dedica a uma reflexão a respeito da relação da literatura de cordel com o conhecimento astrológico.

As tipografias nordestinas, a partir do século XIX, imprimiam, ao lado dos poemas de cordel, os almanaques, que traziam conteúdos astrológicos. Ambos eram comercializados em feiras e mercados populares. Segundo Almeida (1981, p. 4), esses almanaques eram conhecidos como “almanaques de feira” e “folhinhas de inverno”. Eram publicações anuais que versavam sobre conteúdo variado, como “previsão do tempo, horóscopo, eclipses, fases da lua, calendário, dias próprios para o plantio, indicações da flora medicinal, anúncios de talismãs” (ALMEIDA, 1981, p. 4). A antropóloga destaca a semelhança entre os almanaques e os folhetos de profecia. Ela afirma que “almanaques e folhetos em geral representam o principal material de ordem

intelectual manuseado pelo homem do campo nordestino” (ALMEIDA, 1981, p. 4). Ressalte-se que Almeida considera os almanaques populares “como parte da literatura de cordel” (ALMEIDA, 1981, p. 8).

No *Dossiê de Registro Literatura de Cordel*, do Ministério da Cultura, do IPHAN e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) (2018, p. 118), consta que a literatura de cordel e os almanaques apresentam o mesmo formato: “8, 16 ou 32 páginas, em papel jornal, no tamanho de 11 x 13 cm, com ilustrações na primeira capa (algumas em xilogravura)”, sendo que “o espaço da quarta capa é reservado para a publicidade, como anúncios de amuletos e a relação de revendedoras onde os livros podem ser adquiridos” (MEC, IPHAN e CNFCP, 2018, p. 119).

O dossiê salienta que “a maioria dos produtos e serviços anunciados é confeccionada pelos próprios editores/autores: a comercialização dos horóscopos personalizados, talismãs e anéis compõe outra expressiva fonte de renda associada aos almanaques” (MEC, IPHAN e CNFCP, 2018, p. 119). A obra cita alguns poetas que conciliaram a escrita de poemas de cordel com a de almanaques: João Ferreira de Lima, autor do *Almanaque de Pernambuco*, e Manoel Caboclo e Silva, autor do almanaque *Juízo do Ano* (MEC, IPHAN e CNFCP, 2018, p. 119).

Melo (2011, p. 3) explica que “almanaque é uma palavra de origem árabe – *almanakh* – que significa calendário”. A autora afirma que esses livros “também eram conhecidos como Prognósticos ou como Lunários dos tempos” (MELO, 2011, p 3). Sobre o conteúdo dessas publicações, ela esclarece:

Trata-se de uma publicação anual, sob o formato de calendário, contendo datas comemorativas, festas móveis e feriados. Apresenta também indicações astrológicas, previsões meteorológicas destinadas aos agricultores, orientações sobre saúde e comportamento, além de curiosidades, provérbios e receitas. Em última instância, os almanaques são livros sobre o tempo, sua medição, sua passagem e traz, também, a possibilidade de sua (pré)visão. Não é difícil compreender, portanto, as razões de seu sucesso. (MELO, 2011, p. 3)

Melo (2011, p. 4) caracteriza a astrologia como um “saber popular” que se aplicava ao longo do medievo, época em que surgiram os primeiros almanaques manuscritos, para entender ou explicar “relações mais amplas entre o cosmos e a terra”, assim como “eventos da vida cotidiana, da política” e para tentar prever o “destino da humanidade”. Nesse sentido, o estudo dos astros foi potencializado pela “necessidade de antecipar infortúnios”, como “eventos catastróficos, pestes, guerras, crises políticas e a fome” (MELO, 2011, p. 4). A autora destaca que a “difusão da

astrologia e sua sobreposição sobre as formulações de natureza teológica foram percebidas e combatidas pela própria Igreja Católica na Contra-reforma” (MELO, 2011, p. 4). Segundo ela, “a invenção da imprensa, no século XVI, possibilitou a publicação, tradução e circulação sistemática desses livros”, à revelia da Igreja (MELO, 2011, p. 4).

Melo destaca o *Lunário Perpétuo*, também citado por Haurélio (2010), como “o tratado de astrologia de origem europeia mais conhecido no Brasil” (MELO, 2011, p. 5). Sobre esse almanaque, ela comenta:

Adaptado para Portugal em 1703, a partir do original espanhol escrito por Jerônimo Cortez, o livro contém explicações sobre o tempo, os planetas e demais astros até então conhecidos, relação dos santos de cada dia, indicações sobre a cura de doenças, conselhos sobre como resolver pequenos problemas domésticos cotidianos, além de procedimentos necessários à elaboração dos horóscopos e calendários. A parte inicial do livro é dedicada à cronologia, base para a confecção dos calendários e à definição dos fatores que indicarão os prognósticos para todos os anos: letra dominical, número áureo, epacta. Com a combinação desses números e dessas letras é possível conhecer as fases da lua e sua passagem pelos signos do zodíaco, os eclipses, as condições climáticas, as épocas mais propícias ao plantio e à colheita, assim como as variações nos preços dos alimentos. Em seguida, o

Lunário perpétuo apresenta o Manual do jardineiro e do agricultor, com orientações sobre como utilizar a influência dos astros para obter uma colheita abundante. Apresenta ainda as principais características de cada signo do zodíaco, além do Tratado de astronomia rústica e pastoril, com indicações de como prever eclipses, secas, terremotos e tempestades. Na última seção, o Lunário perpétuo relaciona os Remédios universais para enfermidades ordinárias. (MELO, 2011, p. 5)

A historiadora e antropóloga relaciona a emergência da “tradição astrológica ocidental” à obra *Tetrabiblos*, do astrônomo e astrólogo egípcio Claudio Ptolomeu, no século II d.C. Segundo ela, essa obra constitui uma “síntese entre as tradições da astrologia mesopotâmica e helênica”, e “permitia conhecer a natureza dos planetas e demais astros e estabelecer uma correspondência com o temperamento das pessoas nascidas sob a influência de cada signo” (MELO, 2011, p. 5).

A estudiosa ressalva que a Revolução Científica, com base nos estudos de Francis Bacon, Kepler, Galileu, Newton e Descartes, inaugurou um “novo quadro epistemológico, baseado no empirismo e racionalismo” (MELO, 2011, p. 6), de modo que alguns saberes, como a astrologia, a magia, a alquimia e o pensamento religioso ficaram relegados.

Melo (2011, p. 7) acrescenta que a crítica à astrologia também foi motivada pela teologia católica, assim como pela noção de livre-arbítrio. É interessante observar que o próprio *Lunário Perpétuo* se posiciona a favor do livre-arbítrio, na edição portuguesa de 1805:

Porém também é certo que pode o homem com discrição e prudência dominar qualquer má inclinação, que por natureza tiver; assim com razão se disse: *Sapiens dominabitur astris*. Que quer dizer: O Sábio será senhor das Estrelas, mudando a sorte, e áspera natureza em branda e suave; e a má inclinação em boa, e deleitável, para o que o nosso Deus, que seja sempre bendito, e louvado, deu ao homem aquela fortaleza do livre alvedrio, que não digo eu as Estrelas do Céu, porém nem os demônios do inferno, nem todas as mais coisas criadas são bastantes a obrigá-lo, se ele não quiser: muito menos o poderão constranger, se for ajudado com a graça de seu Criador. (CORTEZ, 1805, p. 65)

A respeito dos almanaques brasileiros, cuja produção teve início no século XIX, Melo (2011, p. 8-15) cita alguns títulos: *Almanach da Bahia*, *Almanach da corte do Rio de Janeiro*, *Almanaque Biotônico Fontoura* (dado como brinde a fim de divulgar o medicamento), *Juízo do Ano*, *Almanaque de Pernambuco*, *Calendário Brasileiro*, *Almanaque do Nordeste*, *Almanaque Aéreo da Paraíba*, *Almanaque Estrela*, *O Vencedor*, *O Nordeste Brasileiro*, *Almanaque Apolo Norte*

e Profecia de Nostradamus, Almanaque do Ano, Leão do Norte, Almanaque São José, Almanaque Paranor, Vaticínio e Prognóstico do Ano. De acordo com a pesquisadora, “o melhor e mais importante acervo do gênero no país está na biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande”, com cerca de quatrocentos exemplares. Ela explica que essa coleção foi iniciada no final do século XIX pelo historiador Horácio de Almeida e a continuidade do trabalho ficou por conta de seu filho, Átila Almeida (MELO, 2011, p. 15).

Melo (2011, p. 8) aponta que o almanaque mais conhecido na atualidade é o *Almanaque do Pensamento*, editado desde 1912, em São Paulo, pela Editora Pensamento, especializada em publicações sobre magia, astrologia e umbanda.

A autora enumera alguns poetas de cordel que também se dedicaram ao conhecimento dos astros e/ou à publicação de almanaques, como: Manoel Caboclo e Silva, editor de *Juízo do Ano*, conduzia a Tipografia Casa dos Horóscopos, em Juazeiro do Norte, CE; João Ferreira de Lima, que foi editor do *Almanaque de Pernambuco*; José Costa Leite, que era responsável pelo *Calendário Nordestino*, em Condado, PE, e também desenhava xilogravuras; Manoel Luiz dos Santos, editor de *O Nordeste Brasileiro*, em São

José do Egito, PE; Vicente Vitorino, autor do *Almanaque do Nordeste*, em Caruaru, PE (MELO, 2011, p. 10-13).

Melo tece interessantes considerações a respeito dos estudos astrológicos no Nordeste do Brasil. Segundo ela, “a iniciação no hermético universo das ciências ocultas [...] permitiu a muitos agricultores largarem o cabo da enxada para dedicarem-se ao estudo de complexos mapas astrológicos e à elaboração de consultas particulares” (MELO, 2011, p. 11). Alguns livros serviram como base para o desenvolvimento desses conhecimentos, conforme aponta a pesquisadora: *Lunário Perpétuo*, *Missão Abreviada*, *Tarô Adivinhatório* e *Experiências Astrológicas* (MELO, 2011, p. 12).

A autora afirma que, no semiárido brasileiro, onde as secas já vitimaram muita gente, “prever a ocorrência de secas e inundações não era somente um dom pessoal dos profetas, dos autores de almanaques, mas uma necessidade” (MELO, 2011, p. 14). Segundo ela, “tratava-se de uma questão de vida ou morte” (MELO, 2011, p. 14). Tratava-se de “impedir o sofrimento de milhares de pessoas” (MELO, 2011, p. 14).

A literatura de cordel, caracterizada como uma poética que manifesta a voz do povo e se destaca do discurso dominante, assume uma posição de resistência. Irmãos dos almanaques astrológicos, os poemas de cordel não raras

vezes tematizam a fé, as crenças, os mitos, as criaturas fantásticas, a magia que habita o imaginário supersticioso do Nordeste. Esses temas revelam que a razão, os avanços científicos e tecnológicos não suprimem o desejo humano de superar a realidade e de se conectar com o sobrenatural. Além disso, dão pistas de como ocorrem as relações humanas com o outro, com o mundo e com a natureza. São relações atravessadas pela subjetividade, pelo misticismo e pelas interpretações do que não se conhece.

Na próxima seção, propõem-se leituras de fragmentos de um almanaque astrológico e de quatro poemas de cordel que tratam dos astros sob perspectivas diversas: científica ou astronômica, astrológica, jocosa. O objetivo da análise desse material é investigar como a literatura de cordel incorpora essa relação com o conhecimento da astrologia, como aplica esse saber em versos, como desenvolve essa temática, adaptando-a ao gosto e à curiosidade popular.

ANÁLISE DO CÓRPUS

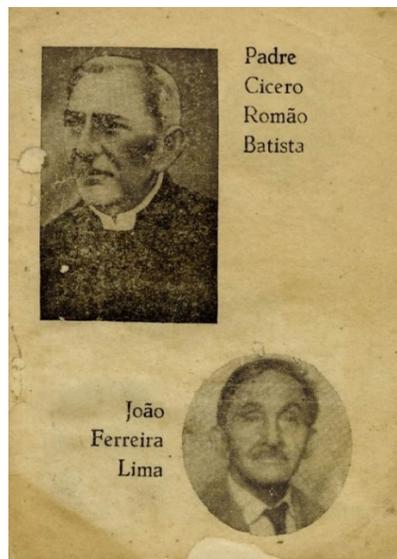
Com o objetivo de entender como os poemas de cordel abordam o tema dos astros, visto que as motivações ultrapassam a mera curiosidade que o assunto exerce sobre o ser humano, envolvendo aspectos da relação com a natureza, das práticas da agricultura e da pecuária, das condições climáticas austeras,

do caráter supersticioso, mestiço e criativo do povo, da relação com outros gêneros textuais e publicações, examinam-se, nesta seção, cinco fragmentos de textos. São eles: *Almanaque de Pernambuco*, o juízo do ano de 1972, de João Ferreira de Lima (1971); *O Sistema Solar*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2011), *O Testamento da cigana Esmeralda*, de Leandro Gomes de Barros (reedição de 2006); *Os Signos do Zodíaco (E Suas Pedras de Sorte)*, de Cícero do Maranhão (2016) e *O Horóscopo dos Cornos*, de Isael de Carvalho (2010).

O *Almanaque de Pernambuco*, o juízo do ano de 1972, de João Ferreira de Lima, está disponível no acervo virtual de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa. A publicação apresenta informações sobre o ano de 1972, como planetas regentes, previsões para o ano segundo o tarô, relação dos eclipses, previsão do tempo; o horóscopo de uma personalidade, no caso o Padre Cícero Romão; previsão para colheita, de acordo com as estações do ano; relação dos dias festivos e santos; perfil sagitariano do então presidente da República Emílio Garrastazu Médici; relação dos melhores dias do ano para plantação; relação de dias auspiciosos; relação de natividades que exigem cautela durante o ano; relação de períodos conturbados regidos por Saturno em anos anteriores; dicas para sarar queimaduras e feridas; dicas

para fertilizar o solo com estrume; dicas de flora medicinal; períodos lunares favoráveis de acordo com a natividade; uma convocação para a participação a favor do desenvolvimento da pátria; dados bibliográficos de Berenice de Souza Lima, astróloga colaboradora do almanaque e filha do autor; enumeração de conseqüências mundiais e nacionais de uma conjunção planetária; calendário anual; propaganda de horóscopo personalizado e consultas de astrologia, grafologia e numerologia; cupons a serem preenchidos para encomendar horóscopos e consultas pelo correio.

Figura 1 – *Almanaque de Pernambuco*, o juízo do ano de 1972, de João Ferreira de Lima (1971)



Fonte: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&Pesq=almanaque&pagfis=52197>. Acesso em: 27 jul. 2020.

Segue o fragmento do almanaque correspondente ao Horóscopo do Ano, que contempla o Padre Cícero Romão Batista, nascido em 24 de março de 1844.

Escolhemos como personagem para o horóscopo do ano de 1972, o Pe. Cícero Romão Batista, o conhecidíssimo líder religioso e venerado por milhares de fiéis.

Quem conheceu de perto o Pe. Cícero ou a sua história irá dar o valor que a Astrologia merece em nossos dias.

Planetas regentes de seu nascimento: Marte, Lua e Saturno. O estudo de sua firma segundo a numerologia deu o arcano (8) que diz “Sorte com terras e propriedades”, quando morreu deixou inúmeras propriedades. “Tendência à riqueza e capacidade extraordinária para comandar e dirigir os outros” foi um grande líder religioso.

Estrela Tutelar – a Lua – dava um caráter reservado, de fértil imaginação e boa memória e dizia ainda “Teria muitas subidas e descidas na vida e mudança de posição” de padre chegou a ser prefeito, de reverendo a político. “Trazia muitos inimigos e caluniadores, mas que saia vitorioso” foi o que podemos constatar inimigos teve muitos mas a vitória foi sua.

Gênio celeste a 5 graus dizia – “Domina nas ciências, a filosofia, a teologia (estudo de Deus), e as artes liberais; proporcionando caráter agradável e influía nos prazeres honestos”. O Gênio contrário dizia: “domina

a ignorância a libertinagem e todas as más qualidades do corpo e da alma”. O Rev. Pe. Cícero como todos os demais pegou um gênio negativo, mas soube dominar e deixar sobressair as boas qualidades de seu gênio positivo, deixando-nos a mensagem de que podemos também vencer as influências negativas de nosso gênio planetário.

Dia de seu nascimento 24 – 3 – 1844

Dizia: “Natureza campestre; paixão pelos animais”. Realmente ele gostava da vida no campo e dos animais.

Dia de sua posse como Prefeito 22/6/1911

Contava com 67 anos o seu arcano dizia: “Favorece as associações e finanças. Fim pacífico de todas as disputas. Êxito nas relações sociais, com auxílios de amigos aproveitará de um golpe feliz que aumentará sua fortuna e posição social”. Realmente foi empossado no ano feliz.

Dia de morte – 20/7/1934

Morreu aos 90 anos, o seu arcano dizia: “Dizia dificuldade a respeito de herança ou propriedades. Morte por doença ou acidente”. Morreu no ano em que o seu horóscopo previa morte.

Curiosidades: Nascimento 24/3/1844 Soma 26 igual a 8

Morte: 20/7/1934 soma 26 igual a 8⁴

4 LIMA, 1971, p 6-8. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&Pesq=almanaque&pagfis=52197>. Acesso em: 27 jul. 2020.

É comum que os astrólogos, ao divulgar as previsões para o ano vindouro, destaquem previsões para algumas personalidades famosas. Em 30 de dezembro de 2019, o canal Diva Depressão publicou um vídeo em que a sensível Márcia Fernandes apresentou previsões para cantores como Pablo Vittar, Lady Gaga, Rihanna, Madonna, Anitta e outros, em relação ao ano seguinte, 2020. O vídeo tem 687.354 visualizações, 86 mil curtidas e 698 descurtidas⁵. A própria Márcia Fernandes é um sucesso nas mídias: seu canal no Youtube tem 1,8 milhões de seguidores⁶.

Nota-se que as previsões para pessoas famosas atraem o interesse do público. O cordelista João Ferreira de Lima, sabedor disso, presenteou seus leitores com o horóscopo do Padre Cícero, uma celebridade do Sertão, como o próprio autor reconhece ao caracterizar o padre como “conhecidíssimo líder religioso e venerado por milhares de fiéis” (LIMA, 1972, p. 6).

No horóscopo, Lima defende a astrologia como um saber que merece ser valorizado, apresenta os planetas regentes do Padre Cícero, de acordo com sua data de nascimento, seu destino segundo a numerologia e as características e tendências astrológicas que se concretizaram na biografia

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=INFYh5-ByIE>. Acesso em: 28 jul. 2020.

6 <https://www.youtube.com/user/joinmarciafernandes>. Acesso em: 28 jul. 2020.

do religioso. O poeta astrólogo elogia a capacidade do padre de dominar as tendências negativas de sua natividade e desenvolver as tendências positivas. Lima apresenta ainda coincidências numerológicas sobre as datas de nascimento e morte do Padre Cícero: as somas dos números das duas datas têm o mesmo resultado.

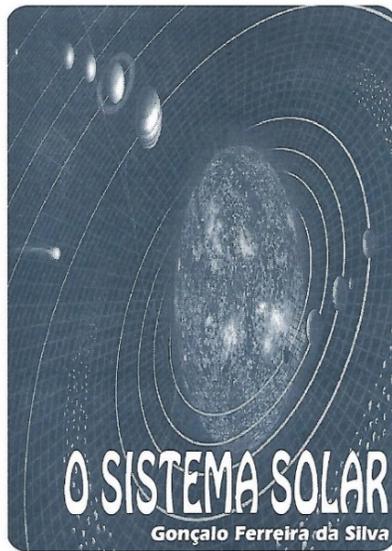
A seguir, transcreve-se uma passagem do cordel *O Sistema Solar*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2011). Vale ressaltar que o autor é presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, localizada no bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro.

Saturno é o segundo
em dimensão e também
porque tem sessenta luas
e impressiona a quem
observá-lo em razão
dos lindos anéis que tem.
Como Júpiter, Saturno
seus principais elementos
são hélio e hidrogênio
e açoitado por ventos
em toda a sua superfície

extremamente violentos.
Saturno ainda apresenta
encantos especiais
por fragmentos de gelo
e outros materiais
exibe o lindo Saturno
os seus anéis colossais.
Possui um núcleo rochoso
que é proporcional
ao seu gigantesco porte
e o movimento orbital
as suas sessenta luas
lhe dá o toque final.
(SILVA, 2011, p. 12-13)

O cordel de Silva comenta, em versos, a origem do universo e os planetas do Sistema Solar, em tom científico, sem deixar de lado o encantamento humano pelos mistérios e belezas do céu. As estrofes apresentadas, sextilhas em redondilha maior, tratam do planeta Saturno, sua dimensão, sua composição, suas características físicas, a beleza de seus anéis, sua surpreendente quantidade de luas.

Figura 2 – *O Sistema Solar*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2011)



Fonte: acervo da autora.

O texto se soma à categoria de cordéis educativos ou didáticos, que, segundo Santos (2018, p. 35), são “comprometidos com a educação e com a difusão do conhecimento” e têm “o escopo de ensinar, instruir seu público” (SANTOS, 2018, p. 38). A preocupação com a educação está na gênese do cordel, já que, no meio rural, era uma importante via para o acesso ao mundo da escrita e à informação. Nesse sentido, a autora destaca o papel

significativo da literatura de cordel para o “letramento do homem do campo” (SANTOS, 2018, p. 38). Ela cita alguns exemplos de cordéis comprometidos com o ensino de língua materna e Literatura Brasileira, como *Lições de Gramática em versos de cordel*, de Janduhi Dantas (2009), *Grandes Mestres da Nossa Literatura*, de Gil Ribeiro (s.d.) (SANTOS, 2018, p. 40).

Percebe-se que o cordel de Silva (2011) pretende divulgar o conhecimento científico a respeito do Sistema Solar e de seus planetas, em uma perspectiva diferente dos outros cordéis que são apreciados nesta investigação. A seguir, transcreve-se um excerto do cordel *O Testamento da Cigana Esmeralda*, de Leandro Gomes de Barros, edição de 2006. Cabe salientar que o poeta, que viveu de 1865 a 1918, é considerado o Pai do Cordel Brasileiro, por seu pioneirismo e pela sua obra.

Nós moramos num planeta
onde Deus nos favorece
mas nascemos com a sina
sujeito ao que acontece
quem for besta que duvide
das coisas que não conhece
Saturno faz homem sábio

porém de poucos favores
Marte dá a sua sina
de guerreiros e impostores
o Sol faz os homens nobres
felizes e superiores
Vênus dá uma sina
do homem muito xistoso
conquistador de mulher
namorador luxurioso
Mercúrio dá homem sábio
folgazão e estudioso
Os lunáticos são sutis
Preguiçosos e inconstantes
Júpiter dá aos rapazes
liberais e muito amantes
os padres deste planeta
em honra vão muito adiante.
(BARROS, 2006, p. 26)

O cordel de Barros aborda os significados dos sonhos segundo as crenças populares, os significados das linhas das mãos de acordo com a quiromancia, arte divinatória típica

dos costumes ciganos, e as influências dos astros na vida das pessoas. As estrofes selecionadas, sextilhas em redondilha maior, versam sobre as características dos sujeitos, de acordo com o planeta regente.

Figura 3 – *O Testamento da Cigana Esmeralda*, de Leandro Gomes de Barros (edição de 2006)



Fonte: acervo da autora.

O poeta destaca que a existência humana na Terra, apesar de favorecida por Deus, em termos de condições que permitem o fluir da vida, está sujeita a circunstâncias que fogem da compreensão humana e adverte a tolice de quem duvida. Nesse sentido, os astros interferem no destino,

deixam marcas nos seres e nas relações. Vale observar que esses saberes secretos são herança da cigana Esmeralda, uma figura feminina investida de conhecimentos ancestrais que escapam ao mundo objetivo de base patriarcal. A cigana representa a beleza, os mistérios, os saberes e os poderes que a sociedade não domina.

Transcreve-se um fragmento do poema *Os Signos do Zodíaco* (E Suas Pedras de Sorte), de Cícero do Maranhão (2016)⁷:

Pessoas de sagitário

(22/11 – 21/12)

São honestas e simpáticas

E gostam da liberdade

Mas também são positivas

Em qualquer diversidade

Nunca são fantasiosas

Muito menos mentirosas

Porque gostam da verdade

(e sua pedra de sorte é topázio)

E pessoas de capricórnio

7 Disponível em: <https://cicerodomaranhao.blogspot.com/2016/08/astrologia-em-cordel.html>. Acesso em: 27 jul. 2020.

(22/12 – 19/01)

Sempre são ambiciosas

Mas bastante reservadas

E bem seguras e calmas

Em todas suas empreitadas

Não gostam de fantasias

São pessoas sem manias

Por vezes são complicadas

(Mas sua pedra de sorte é o ônix)

Finalmente minha gente

Depois desse arrazoado

De signos e pedras

Espero ter ajudado

Conhecimento astrológico

Até sendo patológico

É sempre bem procurado

Muita gente diz que gosta

Até mesmo sem gostar

Os astros explicam bem

Esse jeito de pensar

Mas pra quem tudo gostou
Com certeza foi um show
Valeu bem o meu versar.

As estrofes destacadas, setilhas em redondilha maior, são as últimas do texto, contemplando os signos de Sagitário e Capricórnio, regidos por Júpiter e Saturno, respectivamente. O poeta não segue o calendário astrológico, iniciado em abril, no signo de Áries. O cordel de Cícero do Maranhão considera o calendário convencional, iniciado em janeiro, por isso, começa o poema no signo de Aquário e termina em Capricórnio.

Figura 4 – *Os Signos do Zodíaco* (E Suas Pedras de Sorte), de Cícero do Maranhão (2016)



Fonte: <https://cicerodomaranhao.blogspot.com/2016/08/astrologia-em-cordel.html>. Acesso em: 27 jul. 2020.

As setilhas em foco enumeram as características dos nativos de Sagitário, expansivos e verdadeiros, e de Capricórnio, práticos, discretos e metódicos, e as pedras que trazem a energia adequada para servirem de amuletos da sorte para os sujeitos de cada signo zodiacal. Além disso, os versos de Cícero do Maranhão dão pistas da relação humana com o conhecimento astrológico: “é sempre bem procurado”, podendo chegar ao exagero ou ao “patológico” e à controvérsia.

A seguir, apresenta-se um excerto do cordel *O Horóscopo dos Cornos*, de Isael de Carvalho (2010), que descreve em tom notadamente jocoso os perfis de cada signo. As estrofes selecionadas contemplam os cornos de Gêmeos e Câncer. O primeiro, caracterizado pela dualidade e pelo desaparego; o segundo, pela precaução e pelo protecionismo.

GÊMEOS

O corno geminiano

dois pares de chifres tem,

já se acostumou com eles

não divide com ninguém

geminiano não briga,

leva chifre mas não liga

por ser um corno do bem.

Por ser bem tranquilo assim

leva a vida numa boa,
não cometendo a burrice
de se aborrecer à toa.

Mesmo sendo corneado
segue muito apaixonado
de ser corno não enjoa.

CÂNCER

O corno CANCERIANO
é precavido e seguro:
Se foi corno no passado
quer também ser no futuro.

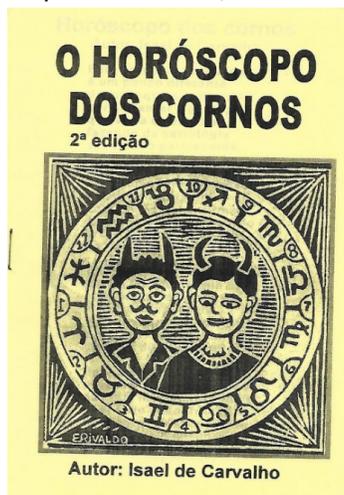
Por ser corno precavido
tudo dele é garantido
nunca dá tiro no escuro.

Por ser assim, precavido,
canceriano em geral,
quando parte desta vida
tem um belo funeral.

Pra viúva e Ricardão
deixa fazenda e mansão
e um dinheiro bem legal.

O cordel de Carvalho participa da categoria de cordéis cômicos ou de gracejos, segundo classificação estabelecida por Maxado (1980, p. 53). Esse tipo de cordel é elaborado com a finalidade de provocar o riso. Desse modo, o corno de determinado signo pode rir de si próprio e de seus pares de outros signos, e servir como objeto de riso para seus companheiros, cornos de outras natividades. Enfim, é um cordel bastante democrático, haja vista que todos nascem em determinada data e pertencem a determinado signo zodiacal, e todos os signos correspondem a um tipo de corno. Ou seja, todos são cornos, camaradas e cúmplices nas dores, nos sofrimentos, nas decepções e na galhofa, que ajuda a vida a seguir em frente.

Figura 5 – *O Horóscopo dos Cornos*, de Isael de Carvalho (2010)



Fonte: acervo da autora.

A partir dessas leituras, evidencia-se que os conhecimentos ocultos, a astrologia, os signos do zodíaco aparecem como tema de poemas de cordel sob diferentes perspectivas: divulgação científica, misticismo, humor. Essa temática, no cordel, resulta de motivações diversas e relações muito ricas com outros gêneros textuais, publicações e linguagens.

O encantamento e a curiosidade humana pelo céu, morada de Deus ou dos deuses, de acordo com as variadas crenças, e pelos astros, que iluminam a escuridão terrena, são incontestáveis. Somando-se a isso, a vontade de saber, que caracteriza o ser humano, dirige-se também ao futuro e ao além. Considerando ainda que os cordelistas, a fim de obter conteúdo para seus versos por meio da leitura, encontraram obras como o *Lunário Perpétuo* (1805) e se tornaram astrólogos e autores e editores de almanaques astrológicos, entende-se que a astrologia seja um assunto de interesse do cordel.

Além disso, a vida no meio rural, caracterizada por uma relação íntima com a natureza, requer atenção às condições climáticas e aos fenômenos. É preciso saber ler os sinais dos tempos presente e futuro, a fim de evitar prejuízos, sofrimento e morte, e de aproveitar as oportunidades de

colheita, abundância e felicidade, especialmente onde as secas e a escassez assolam constantemente a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se observou na leitura dos fragmentos dos textos *Almanaque de Pernambuco*, o juízo do ano de 1972 (Lima, 1971), *O Sistema Solar* (Silva, 2011), *O Testamento da cigana Esmeralda* (Barros, 2006), *Os Signos do Zodíaco (E Suas Pedras de Sorte)* (Maranhão, 2016) e *O Horóscopo dos Cornos* (Carvalho, 2010), à luz da fundamentação teórica apresentada, no meio de uma vastidão de temas, os astros são contemplados na literatura de cordel sob diferentes perspectivas: científica ou astronômica, astrológica, cômica.

O tema da astrologia aparece, motivado pela curiosidade generalizada em torno do assunto, pela intimidade com a natureza no espaço rural, pelo caráter supersticioso do povo nordestino, pela necessidade de se antecipar aos acontecimentos e evitar infortúnios, pelo desejo de entender a si e aos outros, pelo contato com publicações de astrologia, pela associação com os almanaques astrológicos. Considerando o aspecto comercial, os almanaques, assim como alguns cordéis, ocupam-se da astrologia, porque esse mote atrai público, aguça o interesse pelo que não está claro, na superfície da vida cotidiana, mas está além, clamando por compreensão.

A literatura de cordel é, ao mesmo tempo, ancestral e nova, visto que recupera as memórias do povo brasileiro, resgata seus saberes e crenças, revela seu imaginário e aponta traços de brasilidade guardados nos recônditos da identidade. Com as raízes fincadas na tradição, o cordel avança, apropriando-se dos recursos tecnológicos, de modo que é bastante comum os poetas compartilharem seus conhecimentos e divulgarem seus trabalhos pela internet. Este artigo se soma aos estudos comprometidos com a valorização do patrimônio cultural de Brasil e destaca a literatura de cordel como fonte inesgotável de pesquisa, devido a sua riqueza sígnica, linguística, histórica e cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do nordeste*. 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.
- BARROS, Leandro Gomes de. *O Testamento da cigana Esmeralda*. Rio de Janeiro: ABLIC, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Isael de. *O Horóscopo dos Cornos*. 2. ed. Petrópolis, 2010. Folheto.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. Ilustrado. São Paulo: Global, 2002.
- CORTEZ, Jeronymo. *Lunário Perpétuo*. Lisboa, 1805.
- HAURÉLIO, Marco. *Breve história da Literatura de Cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.

LIMA, João Ferreira de. *Almanaque de Pernambuco, o juízo do ano de 1972*. 1971. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&Pesq=almanaque&pagfis=52197>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MARANHÃO, Cícero do. *Os Signos do Zodíaco (E Suas Pedras de Sorte)*. 2016. Disponível em: <https://cicerodomaranhao.blogspot.com/2016/08/astrologia-em-cordel.html>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone. (Org.) *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: CODECRI, 1980.

MEC, IPHAN e CNFCP. *Dossiê de Registro Literatura de Cordel*. Brasília, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 26 jul. 2020.

MELO, Rosilene Alves de. *Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas*. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34671/37409>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. *Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II*. 245 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13312. Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *O Sistema Solar*. Rio de Janeiro: ABLC, 2011. Folheto.

SIMÕES, Darcília. *Iconicidade verbal: Teoria e prática*. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidadeverbal.pdf>. Acesso em 25 jul. 2020.

VIANA, Arievaldo Lima. (Org.). *Acorda cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

Morgana Ribeiro dos Santos possui graduação em Letras - Bacharelado e Licenciatura plena em Português/Italiano e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004), Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006), Mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012) e Doutorado em Estudos de Língua pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018). Trabalhou como professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II na Fundação Municipal de Educação de Niterói de 2005 a 2014. É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant, desde 2014, e mediadora a distância do CEDERJ, no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, desde 2013.